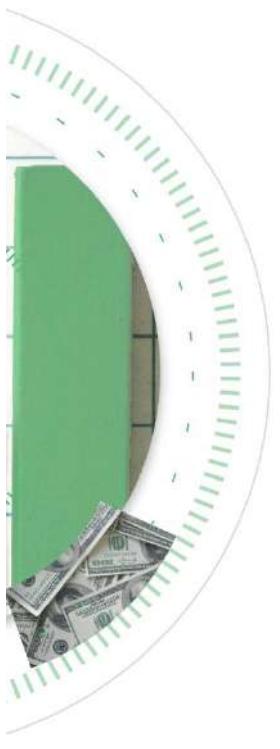


Comportamento Semanal de Mercado

20 a 27 de outubro



Novidades na comunicação?



O grande destaque da semana que se adentra será a reunião do Copom que reduzirá a Selic em mais -0,50 p.p. para 12,25% a.a.. Como não houve modificações substanciais no balanço de riscos, a decisão cumprirá a sinalização efetuada na última reunião, contudo a atenção certamente estará voltada para eventuais novidades no teor da comunicação do Banco Central (BC), principalmente, acerca da evolução futura da política monetária.

O movimento de alta nas taxas de longo prazo nos EUA, por conta das preocupações com o elevado déficit público, conjugado à perspectiva de um maior período com os juros básicos elevados, deve sustentar o dólar em patamar elevado no mercado de câmbio internacional. Consequentemente, há uma pressão nos preços dos ativos de países emergentes que, em última instância, poderá comprometer a velocidade do processo de desinflação e, por sua vez, impor limites para a redução da Selic.

Essa percepção já está refletida nas projeções no Boletim Focus que já apontam um menor espaço para a queda. Para o término de 2024, a projeção elevou-se de 9,00% a.a. na semana anterior para 9,25% a.a. e para o final de 2025 passou de 8,50% a.a. para 8,75% a.a.. No horizonte relevante para a política monetária, a reancoragem das expectativas inflacionárias é ainda parcial, variando de 3,87% para 3,90% para 2024 e mantendo-se em 3,50% para 2025.

O IPCA-15 de outubro apresentou uma composição mais benigna, com a média dos 5 núcleos acompanhados pelo BC desacelerando de 5,10% a.a. em set/23 para 4,84% a.a., enquanto as médias móveis trimestrais (MM3) dessazonalizadas das medidas subjacentes reduziram-se de 4,10% a.a. em set/23 para 3,76% na de serviços, de 1,89% para 1,11% na industrial e de -0,12% para -0,74% na de alimentação. O ruído produzido pelo governo, ao final da semana, acerca do cumprimento da meta fiscal em 2024 alterou levemente a expectativa de déficit primário para 2024 de -0,75% para -0,78% do PIB, reduzindo as quedas no período nos vértices da curva futura de juros.

O monitor do PIB, da FGV, registrou uma queda de -0,6% na margem em agosto, acumulando uma elevação de 2,8% ao mesmo trimestre móvel em 2022. Em consonância, refletindo os receios com os mercados globais, as sondagens da FGV apontaram reduções na margem em outubro para a indústria, construção e consumidor. No exterior, a 1ª leitura do PIB dos EUA no 3T23 apontou uma alta de 4,9% a.a., reforçando a robustez da atividade econômica. Ainda, o índice de preços de gastos com consumo (PCE) mostrou que a inflação segue pressionada, indicando uma alta de 3,4% a.a. em setembro, com a medida que exclui os alimentos e energia acumulando um aumento de 3,7% a.a. O Fedwatch do CME Group na sexta (29/10) registrava as probabilidades de manutenção da fed fund no atual patamar entre 5,25% a.a. e 5,50% a.a. em 98,0% na reunião de 4ª feira.

Para esta semana, além das decisões de política monetária no Brasil e EUA, destaque também para as divulgações dos dados do mercado de trabalho, da produção industrial, demais sondagens da FGV, o PIB da Zona do Euro, confiança do consumidor e mercado de trabalho nos EUA.

Expectativas

Em um ambiente que combina riscos fiscais, expectativas inflacionárias parcialmente ancoradas e a elevação das taxas de juros longos que gera pressão nos preços dos ativos de países emergentes que pode reduzir a velocidade do processo de desinflação, as projeções no Boletim Focus passaram a apontar um menor espaço para as reduções da Selic.

Para 2023, mantiveram-se as estimativas de mais 2 cortes de 0,50 p.p. que levaria a taxa a 11,75% a.a. ao final do ano. Entretanto, para o término de 2024, a projeção elevou-se de 9,00% a.a. na semana anterior para 9,25% a.a., enquanto para o final de 2025 passou de 8,50% a.a. para 8,75% a.a.. No curto prazo, a mediana das previsões do IPCA variou de 0,27% para 0,28% para outubro, continuou em 0,30% para novembro e oscilou de 0,51% para 0,50% para dezembro. Assim, o IPCA projetado para esse ano passou de 4,65% para 4,63%. No horizonte relevante para a política monetária, as estimativas continuaram indicando uma reancoragem apenas parcial das expectativas inflacionárias. Para 2024, variou de 3,87% para 3,90%, ao passo que para 2025 continuou em 3,50%.

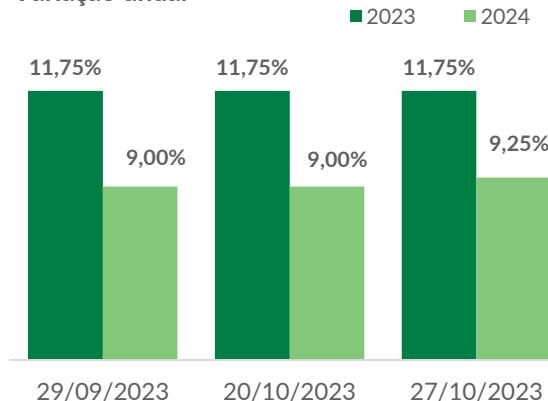
Em comparação ao fechamento do dia 20/10, a curva das NTN-Bs registrou uma alta de 0,03 p.p. na inflação implícita para o prazo de 1 ano que alcançou 4,30%. Por sua vez, para 2 anos o indicador cedeu -0,06 p.p. para 4,51% e para o de 3 anos caiu -0,14 p.p. para 4,80%.

Ajustando-se às frustrações na divulgação dos indicadores de atividade mais recentes, o crescimento projetado para o PIB de 2023 desacelerou ligeiramente, saindo de 2,90% para 2,89%. Para 2024 e 2025, as projeções prosseguiram, respectivamente, em 1,50% e 1,90%. O cenário para o mercado de câmbio não sofreu alterações. A estimativa para o fim de 2023 continuou em R\$/US\$ 5,00, para 2024 em R\$/US\$ 5,05 e para 2025 em R\$/US\$ 5,10.

Finalizando, mesmos com os ruídos na comunicação do governo no que tange à meta de 2024, a mediana das projeções para o déficit primário em relação ao PIB continuou em -1,10% para 2023. Mostrando relativa piora, as previsões para 2024 passaram de -0,75% do PIB para -0,78%, enquanto as para 2025 continuaram em -0,55% do PIB.

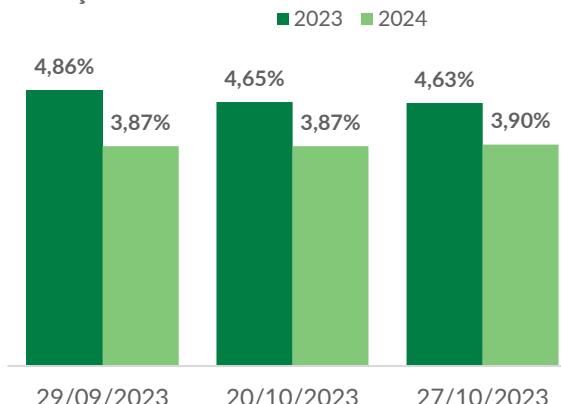
Selic – Mediana das Projeções

Variação anual



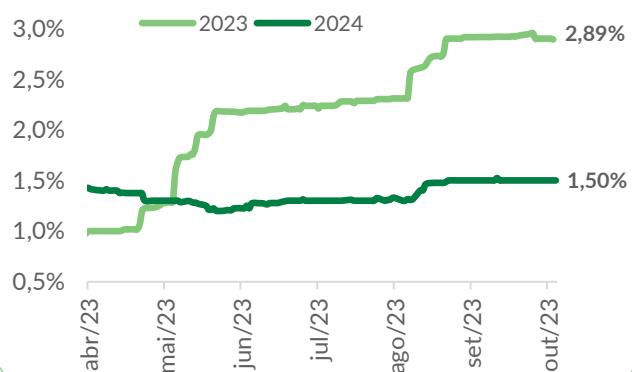
IPCA – Mediana das Projeções

Variação anual



PIB – Mediana das projeções

Variação anual



Fonte: BCB/Focus | Anbima. Elaboração ABBC

Internacional

A divulgação de novos indicadores econômicos ratificou a robustez da economia dos EUA. Com o ajuste sazonal, a prévia do PIB do 3T23 apontou uma expansão de 4,9% a.a. em relação ao 2T23. Foi a taxa mais elevada desde o 4T21, impulsionada pelos gastos com consumo e pela demanda das empresas por reposição de seus estoques. O resultado ficou muito acima da taxa de 2,0% que as autoridades do Federal Reserve (Fed) veem como neutra. No período, o consumo das famílias se manteve resiliente tanto no componente de bens quanto de serviços, refletindo um mercado de trabalho ainda aquecido. O consumo do governo e o investimento no setor imobiliário também ajudaram no bom desempenho.

Ainda, a prévia do índice de gerentes de compras (PMI) composto mostrou avanço de 50,2 pts. em set/23 para 51,0 pts. em outubro, apontando também para uma expansão da atividade. O PMI industrial acelerou de 49,8 pts. em set/23 para 50,0 pts., superando o consenso do *The Wall Street Journal* de 49,0 pts., enquanto o PMI de serviços subiu de 50,1 pts. para 50,9 pts. em outubro.

O mercado imobiliário, por sua vez, continua enfraquecido, apesar de dados melhores na semana. As vendas de novas moradias aumentaram 12,3% em setembro, para uma taxa anual ajustada sazonalmente de 759 mil unidades. O ritmo de vendas de ago/23 foi revisado para cima de 675 mil para 676 mil unidades. O resultado foi impulsionado por uma escassez crônica de casas usadas, mas as taxas de hipoteca próximas a 8,0% devem reduzir a demanda. Já as vendas de casas pendentes cresceram 1,1% na margem em setembro, após a queda de -7,0% em ago/23.

O PCE mostrou que a inflação segue pressionada. O indicador manteve a alta de 0,4% em setembro, ante o mês anterior, acumulando expansão de 3,4% a.a.. O núcleo que exclui os alimentos e energia acelerou de 0,1% para 0,3%, porém com uma desaceleração de 3,8% a.a. em ago/23 para 3,7% a.a., nível bem superior à meta de 2,0%. Ainda, a renda pessoal cresceu 0,3% e os gastos com consumo 0,7% em setembro frente a ago/23.

Na semana encerrada em 21 de outubro, os pedidos semanais por seguro-desemprego cresceram em 10 mil para 210 mil solicitações, mantendo-se em níveis baixos para os padrões históricos. Em resumo, a economia segue vigorosa nos EUA, embora se tenha a expectativa de que desacelere no 4T23, reagindo à política monetária restritiva do Fed.

O Banco Central Europeu (BCE) interrompeu a sequência de aumentos das taxas de juros, afirmando que os dados mais recentes sugeriram que lentamente a inflação se aproxime da meta de 2,0%. Contudo, ponderou que se forem mantidos por tempo suficientemente longo, os juros darão uma contribuição substancial para essa convergência. Com isso, as taxas mantiveram-se em 4,50% a.a. nas de refinanciamento; em 4,00% a.a. nas sobre os depósitos; e em 4,75% a.a. sobre os empréstimos marginais.

Ainda na Zona do Euro, o índice de confiança do consumidor caiu para -17,9 pts. em outubro, ante -17,8 pts. em setembro, resultado um pouco acima da expectativa levantada pela FactSet de uma queda de -18,0 pts. O PMI composto recuou de 47,2 pts. em setembro para 46,5 pts., sinalizando o 5º mês consecutivo de retração na atividade e o declínio mais acentuado desde nov/20. Na abertura, o PMI industrial recuou de 43,4 pts. em setembro para 43,0 pts., o mais baixo em 3 meses, enquanto o de serviços passou de 48,7 pts. para 47,8 pts., menor nível em 32 meses, com o arrefecimento da recuperação pós-pandemia nas despesas com viagens e lazer.

Aversão ao Risco

Após a divulgação de dados com sinais distintos, como a 1ª leitura do PIB do 3T23 acima do esperado e a desaceleração da inflação anualizada da medida de núcleo da inflação, a semana encerrou com o mercado reprecificando as probabilidades de manutenção do ciclo de aperto monetário nos países desenvolvidos, em meio à escalada das tensões do conflito no Oriente Médio.

Segundo o CME Group, na sexta (27/10), as probabilidades de manutenção da taxa entre 5,25% a.a. e 5,5% a.a. eram de 98,0% para a próxima reunião, de 79,1% para a de dezembro e de 69,5% para a de janeiro. Com isso, os retornos das T-Notes exibiram quedas de -0,08 p.p. para 4,99% a.a. no prazo de 2 anos, de -0,10 p.p. para 4,76% a.a. no de 5 anos e de -0,09 p.p. para 4,84% a.a. no de 10 anos. Após a decisão do BCE em manter a taxa de juros em 4,00% a.a., como esperado, sinalizando a manutenção em patamar elevado por mais tempo, os títulos da região acompanharam o exterior, com o retorno do bond alemão recuando -0,09 p.p. para 3,03% a.a. no de 2 anos, -0,10 p.p. para 2,68% a.a. no de 5 anos e -0,06 p.p. para 2,83% a.a. no de 10 anos. Em maior intensidade, o retorno do título inglês caiu -0,13 p.p. para 4,75% a.a. no de 2 anos, -0,16 p.p. para 4,47% a.a. no de 5 e -0,11 p.p. para 4,54% a.a. no de 10 anos.

O temor com uma escalada no conflito no Oriente Médio prejudicou o desempenho do mercado acionário internacional e continua pressionando os preços do petróleo, numa aparente corrida por segurança no mercado das Treasuries. Apesar das divulgações bem recebidas de alguns balanços, as principais bolsas internacionais fecharam com perdas, exceção ficou com Xangai que exibiu uma alta de 1,2%. Destaques para as quedas de -2,6% na Nasdaq, de -2,5% na S&P 500, de -2,1% no Dow Jones, de -1,5% no FTSE 100, de -0,9% no Nikkei 225 e de -0,8% no DAX 40. No mercado de commodities, o preço da saca de soja no mercado de Chicago recuou -0,38% e a cotação do barril de petróleo tipo Brent caiu -1,82%, embora permaneça acima do patamar de US\$ 90. Por outro lado, o minério de ferro em Qingdao subiu 4,27%, beneficiado por novos estímulos ao setor imobiliário em Hong Kong.

No mercado interno, o risco soberano brasileiro, medido pelo CDS de 5 anos, registrou queda de -3,5 bps. na semana, fechando em 189,0 bps., acumulando uma redução de -65,4 bps. no ano. O Ibovespa que acumulava uma alta de 1,4% até a quinta-feira, porém encerrou a semana praticamente estável (+0,1%) com os novos ruídos na comunicação do governo sobre o cumprimento da meta fiscal.

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
		27/10/2023	Semana	Mês
Bovespa	113.301	0,1%	-0,9%	-1,2%
Nasdaq	12.643	-2,6%	-3,4%	17,1%
S&P	4.117	-2,5%	-3,7%	8,1%
Dow Jones	32.418	-2,1%	-3,4%	1,2%
FTSE 100	7.291	-1,5%	-4,0%	3,1%
DAX 40	14.687	-0,8%	-3,5%	11,2%
Nikkei 225	30.992	-0,9%	-4,3%	13,3%
Xangai	3.018	1,2%	-2,9%	1,2%

T-Note

Rendimento em % a.a.



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

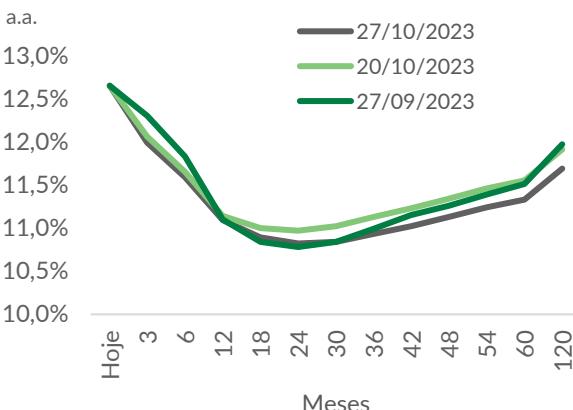
Acompanhando o exterior e a composição mais benigna do IPCA-15, a Estrutura a Termo da Taxa de Juros (ETTJ) apresentou na semana reduções nas taxas de juros de todos os vértices, a despeito da elevação dos prêmios na sexta-feira.

Em relação ao fechamento da semana anterior, a taxa de 6 meses recuou de 11,65% a.a. para 11,59%, a de 1 ano de 11,14% a.a. para 11,09%, a de 2 anos de 10,97% a.a. para 10,82%, a de 3 de 11,13% a.a. para 10,93%, a de 4 de 11,34% a.a. para 11,13%, a de 5 de 11,55% a.a. para 11,33% e a de 10 anos recuou de 11,91% a.a. para 11,69%.

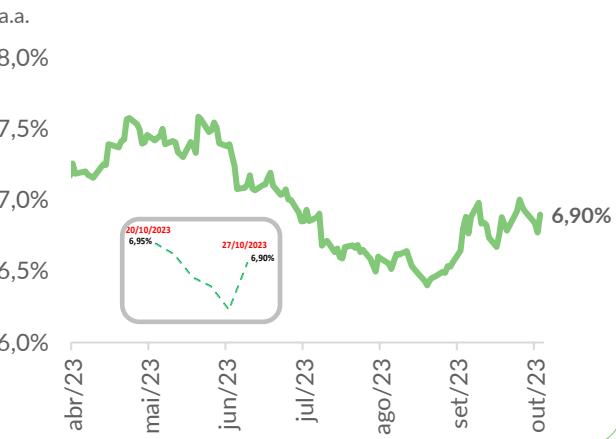
Com a manutenção da inflação esperada para os próximos 12 meses em 3,92% e a taxa do swap DI prefixado de 360 dias recuando -0,05 p.p. para 11,09% a.a., a taxa real de juros *ex-ante* ficou em 6,90% a.a., o que representou uma queda de -0,05 p.p. no período.

Por fim, a medida de risco calculada pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, caiu -0,17 p.p. na semana, fechando em 0,60 p.p.. Em consonância, o diferencial entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, na negociação de títulos públicos na Anbima, ficou em 0,85 p.p., sendo uma retração de -0,15 p.p. no período.

Estrutura a Termo da Taxa de Juros



Taxa Real de juros *ex-ante*



Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos – em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

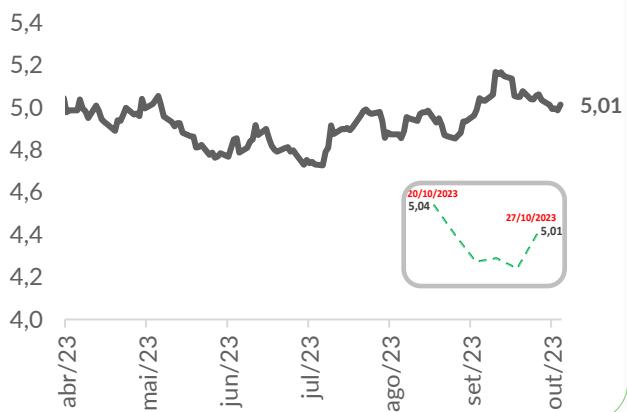
Câmbio

O *Dollar Index*, que mede o desempenho da divisa norte-americana frente às de países desenvolvidos, subiu 0,37% na semana, respondendo às depreciações de 0,35% na libra esterlina e de 0,27% no euro. O dólar ganhou força com a maior demanda por *T-Notes*.

Por sua vez, o índice que calcula a variação de uma cesta de moedas de países emergentes em relação ao dólar subiu 0,62%, apoiado na valorização do petróleo. Na semana, destaques para as depreciações de 2,84% no peso colombiano, de 1,44% no rublo russo, de 0,90% no rand sul-africano e de 0,68% no peso mexicano.

Com o desempenho ligeiramente abaixo da média dos seus pares emergentes, o real encerrou a semana com uma apreciação de 0,41%, com o dólar cotado a R\$ 5,01, após bater R\$ 4,99 na quinta (26/10), devolvendo parte dos seus ganhos com os ruídos na esfera fiscal. Ainda na semana, o Banco Central rolou os *swaps* cambiais com vencimento em 01/12/2023.

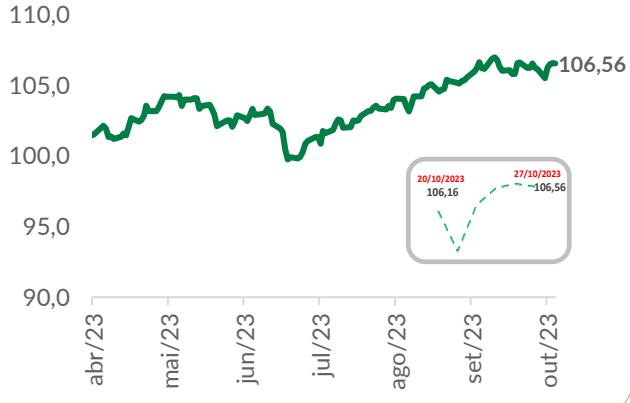
Real/US\$



Índice de Emergentes*



Dollar Index



*Cesta de Moedas de países emergentes:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia Indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: Bloomberg/BCB. Elaboração ABBC

IPCA-15 – Out/23

Alinhando-se às expectativas de mercado coletadas pelo Valor Data, o IPCA-15 subiu 0,21% em outubro ante uma alta de 0,35% em set/23. Das 9 categorias de despesas, 5 apresentaram desaceleração em relação a set/23: habitação (0,30% para 0,26%), vestuário (0,41% para 0,33%), transportes (2,02% para 0,78%), despesas pessoais (0,35% para 0,31%) e comunicação (de -0,15% para -0,29%).

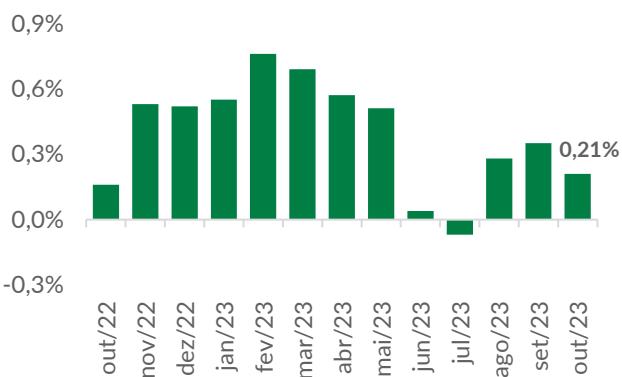
Com uma alta de 0,78%, o grupo Transportes apresentou a maior contribuição na variação mensal (+0,16 p.p.), com destaque para o aumento de 23,75% dos preços das passagens áreas (+0,16 p.p.) e de 5,68% do transporte público (+0,17 p.p.).

Com acréscimo de 0,28%, Saúde e cuidados pessoais adicionou +0,04 p.p. por conta do aumento de 0,77% dos planos de saúde (+0,03 p.p.). Contribuindo com +0,04 p.p., o grupo Habitação teve uma alta de 0,26%, com a alta de 1,24% do item gás de botijão (+0,02 p.p.) e de 0,31% do aluguel e taxas (+0,02 p.p.). Em compensação, a categoria Alimentação e Bebidas retirou -0,07 p.p. do índice ao cair -0,31%, favorecida pela redução de -0,52% na alimentação no domicílio (-0,08 p.p.).

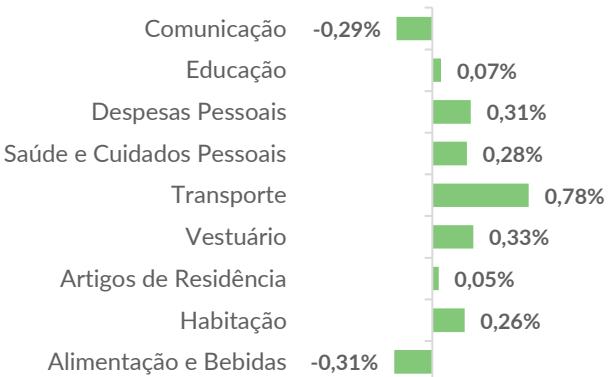
Como o final do efeito base da desoneração dos combustíveis acabou em set/23, a série do índice acumulado em 12 meses ficou mais limpa, porém o IPCA-15 acelerou de 5,00% a.a. em set/23 para 5,05% a.a.. Até o fim de 2023, a expectativa é de que a taxa desacelere para aproximadamente 4,7% a.a..

Apesar do desafio da convergência à meta de 3,0%, os números qualitativos continuam apontando um quadro favorável para a dinâmica inflacionária, mitigando as preocupações da autoridade monetária. A média anualizada dos 5 núcleos acompanhados pelo BC desacelerou de 5,10% a.a. em set/23 para 4,84% a.a.. Entretanto, a média móvel trimestral dessazonalizada (MM3) que apresentaria as tendências de curto prazo, saiu de 3,62% a.a. em set/23 para 3,91% a.a.. Se considerarmos a MM3 das medidas subjacentes, a inflação de serviços passou de 4,10% a.a. em set/23 para 3,76%, o menor patamar desde jun/21. Já a dos bens industriais de 1,89% a.a. para 1,11% a.a. e a dos preços de alimentação de -0,12% a.a. para -0,74% a.a..

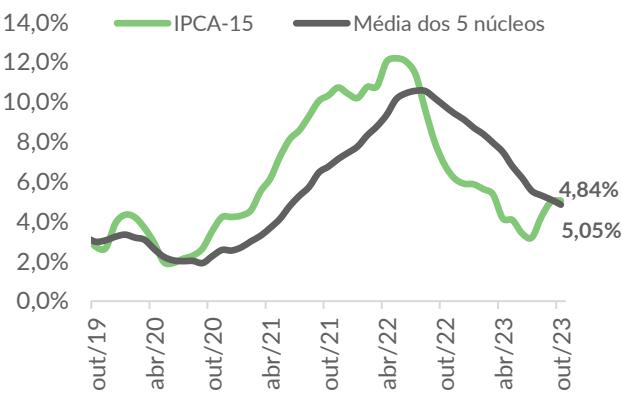
Variação Mensal



Variação Mensal Por grupos



Variação Anual



Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

IGP-M – Out/23

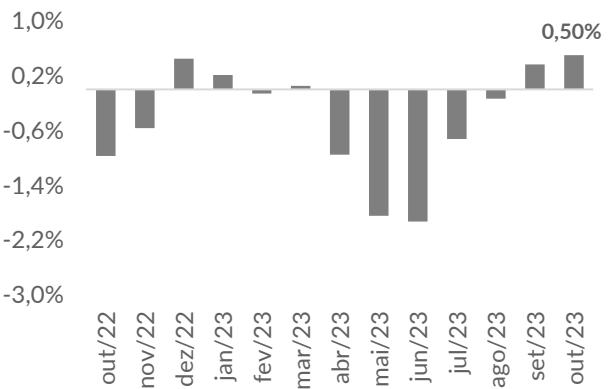
Acelerando em relação a alta de 0,37% em set/23, a inflação pelo IGP-M registrou um avanço de 0,50% em outubro, estabelecendo-se ligeiramente abaixo da projeção de 0,54% do Boletim Focus. Assim, a deflação anualizada reduziu-se de -5,97% a.a. em set/23 para -4,57% a.a. (+6,52% a.a. em out/22).

Superando a expansão de 0,41% em setembro, o Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) subiu 0,60%, acumulando uma deflação de -7,60% a.a. (-9,48% a.a. em set/23). Na análise por estágios de produção, as matérias-primas brutas reverteram a queda de -0,38% em set/23 para uma alta de 1,06%, com as contribuições de bovinos (-10,11% para 6,97%), cana-de-açúcar (-0,62% para 2,59%) e milho em grão (-4,22% para 1,05%). Desacelerando de 1,50% para 0,69% em outubro, os bens intermediários foram beneficiados pelos menores custos com combustíveis e lubrificantes para a produção (15,04% para 2,32%). Enquanto os bens finais apresentaram um acréscimo de 0,06%, em contraste com a queda de -0,03% em set/23.

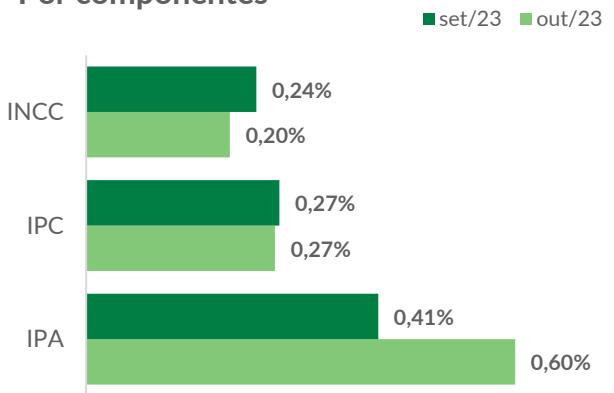
O Índice de Preços ao Consumidor (IPC) manteve a variação de 0,27% em outubro, acumulando alta de 3,94% a.a. (4,18% a.a. em set/23). Houve um acréscimo nas taxas de variação em Educação, Leitura e Recreação (-0,10% para 2,99%), Saúde e Cuidados Pessoais (-0,11% para 0,21%), Alimentação (-0,60% para -0,39%), Vestuário (-0,08% para 0,15%) e Despesas Diversas (-0,04% para 0,06%). Por sua vez, Transportes (1,75% para -0,12%) e Habitação (0,41% para 0,19%) apresentaram decréscimos em suas taxas.

Por fim, o Índice Nacional de Custo da construção (INCC) desacelerou de 0,24% em set/23 para 0,20%. O ganho anualizado passou de 3,21% para 3,37%. Os componentes apresentaram as seguintes variações: Materiais e Equipamentos (0,04% para 0,07%), Serviços (0,38% para 0,79%) e Mão de Obra (0,48% para 0,29%).

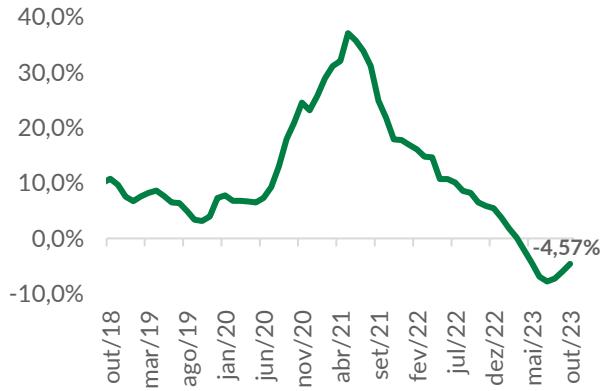
Variação Mensal



Variação Mensal Por componentes



Variação Anual



Fonte: FGV. Elaboração ABBC

Monitor do PIB - Ago/23

O monitor do PIB da FGV registrou em agosto uma queda na margem de -0,6%, acumulando elevações de 2,5% na comparação interanual, de 2,8% no trimestre móvel encerrado em agosto e de 3,0% no acumulado em 12 meses. O resultado foi menos negativo do que a queda de -0,8% no IBC-Br, que tem levado à revisão nas projeções para o crescimento do PIB em 2023. Porém, também gerou preocupações, principalmente pela forte queda nos investimentos. Exceção ao desempenho do agronegócio, o cenário para FGV demonstra estagnação.

Considerando-se a variação interanual do acumulado no trimestre findo em agosto, o consumo das famílias ainda se mostra resistente, com crescimento de 3,1%, dando sinais de estabilidade desde maio, embora com mudança na composição. Há uma redução da participação do setor de serviços, com aumento do consumo de bens duráveis. Já a variação do consumo de semiduráveis registra resultado negativo desde jul/22.

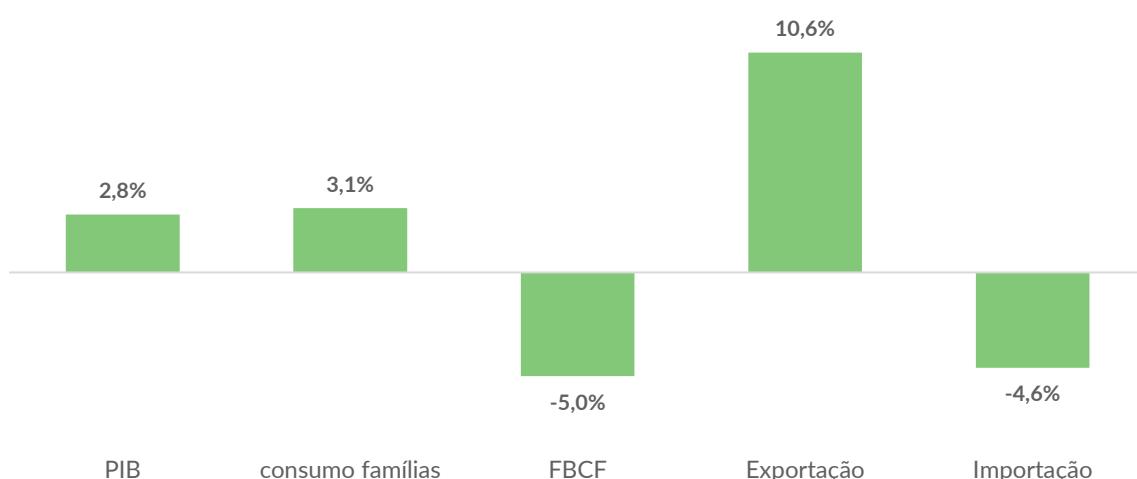
Com expressiva queda de -5,0% dos investimentos, na mesma base comparativa, o desempenho da Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) foi alavancado pelo setor de máquinas e equipamentos, com uma retração de -5,3%. O último resultado positivo dessa atividade foi observado em dez/22. Ademais, o setor de construção registrou a 1ª queda do ano (-0,2%).

A absorção de máquinas e equipamentos é um termômetro do potencial de crescimento da economia, um resultado negativo, portanto, iria na direção contrária de uma expansão vigorosa, conforme apontava a elevação das projeções no Boletim Focus. A taxa de investimento tem se mostrado inconsistentemente baixa, e como proporção do PIB está abaixo da média de outras economias latino-americanas, como Chile e México.

O cenário de alta taxa de juros é um complicador adicional para uma reversão desse quadro. As dificuldades para a convergência da inflação à meta, com uma possível manutenção do aperto monetário no exterior por um tempo mais prolongado, tendem a tornar mais complexa a mudança desse cenário para os investimentos.

Ainda, na mesma base de comparação, a exportação de bens e serviços cresceu 10,6%, respondendo à alta das exportações de produtos agropecuários e da extrativa mineral. Por sua vez, as importações registraram uma redução de -4,6%, sendo a importação de bens intermediários a principal responsável pelo movimento, ainda que as importações de serviços também tenham caído no período. Desde jun/23, a contribuição negativa dos bens intermediários tem aumentado e influenciado o fraco desempenho das importações.

Variação Interanual
Trimestre encerrado em agosto



Resultado do Governo Central – Set/23

Revertendo um déficit de R\$ -26,350 bilhões em ago/23, o Governo Central apresentou um superávit primário de R\$ 11,5 bilhões em setembro (R\$ 10,9 bilhões em set/22). O resultado do mês foi melhor do que a mediana das expectativas da pesquisa Prisma Fiscal do Ministério da Fazenda que indicava um déficit de R\$ -7,9 bilhões.

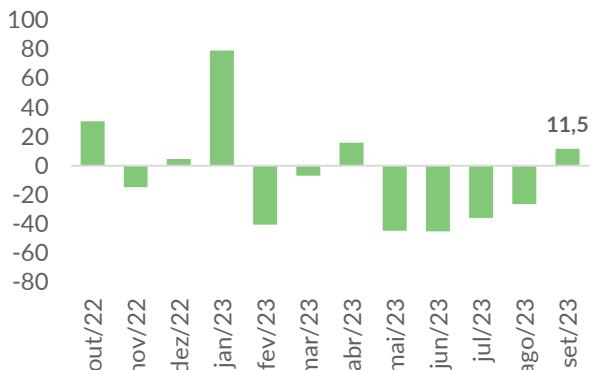
No acumulado em 12 meses, o Governo Central apresentou um déficit de R\$ -71,4 bilhões - equivalente a 0,7% do PIB. Montante abaixo da previsão da Lei Orçamentária Anual (LOA) que estabeleceu a possibilidade de um déficit de R\$ -228,1 bilhões para 2023 e também dos R\$ -141,4 bilhões indicados pelo Relatório de Avaliação de Receitas e Despesas Primárias (RARDP) do 4º bimestre.

Em setembro, o Tesouro Nacional e o BC foram superavitários em R\$ 32,6 bilhões, enquanto a Previdência Social (RGPS) apresentou um déficit primário de R\$ -21,1 bilhões. Comparado com set/22, o resultado primário decorreu de um aumento real de R\$ 16,4 bilhões da receita líquida e de uma elevação real de R\$ 16,3 bilhões nas despesas.

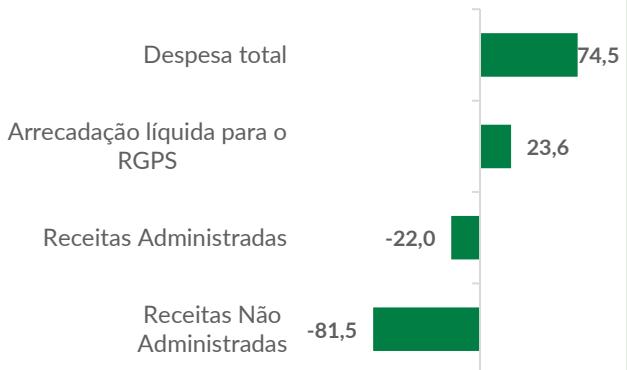
No acumulado do ano, as contas públicas do Governo Central apresentaram um déficit primário de R\$ 93,4 bilhões, com o Tesouro Nacional e o BC entregaram um superávit de R\$ 155,5 bilhões e a RGPS um déficit de R\$ -248,9 bilhões. Em termos reais, no acumulado até setembro em relação a set/22, a receita líquida caiu -3,8% (-R\$ 55,9 bilhões), enquanto a despesa total cresceu 5,2% (+R\$ 74,5 bilhões).

No que tange à contração da receita nesse período: i) Receitas Não Administradas (-R\$ 81,5 bilhões); ii) Receitas Administradas (-R\$ 22,0 bilhões), destacando-se as quedas de recolhimento do Imposto sobre a Renda e da CSLL (-R\$ 17,1 bilhões); iii) Arrecadação Líquida para o RGP (R\$ 23,6 bilhões), resultante da entrada de recursos não sacados do PIS/PASEP, no montante de R\$ 26,0 bilhões. Contribuiu no aumento das despesas: i) aumento de R\$ 70,9 bilhões nas despesas Obrigatórias com Controle de Fluxo, com Bolsa Família e Auxílio Brasil (+R\$ 55,8 bilhões) e Saúde (+R\$ 12,0 bilhões); ii) elevação de R\$ 29,8 bilhões em Benefícios Previdenciários.

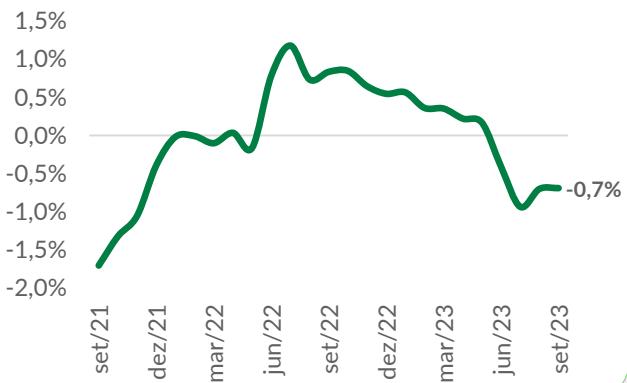
Resultado Primário Mensal - Em R\$ bilhões



Variação Real Acumula no Ano Em R\$ bilhões - deflacionada pelo IPCA



Acumulado em 12 meses Em % do PIB



Fonte: Tesouro Nacional. Elaboração ABBC

Sondagens de Confiança - Out/23

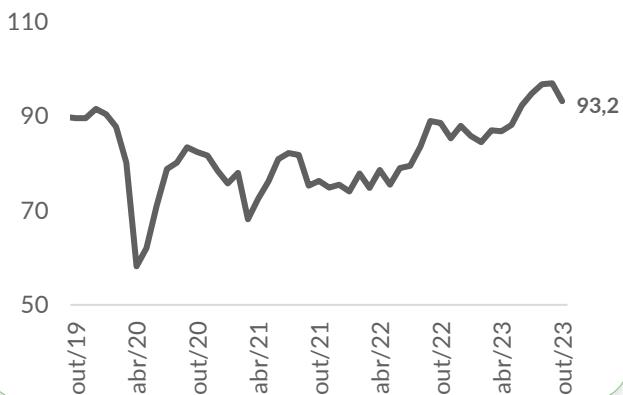
Respondendo ao aumento da aversão ao risco nos mercados globais e ao aperto das condições financeiras, as sondagens de confiança da FGV para indústria, serviços e consumidor registraram quedas mensais em outubro.

Na série com ajuste sazonal, o indicador de confiança do consumidor exibiu uma forte queda de -3,8 pts. na margem, encerrando outubro em 93,2 pts., contando com as reduções na margem de -0,7 pts. no subíndice de Situação Atual (SA) para 82,5 pts. e de -5,8 pts. no de Expectativas (IE) para 100,9 pts., com as perdas de fôlego nas recuperações da atividade econômica e do mercado de trabalho pesando mais no IE. Apesar da deterioração no mês, a confiança do consumidor acumula uma elevação de 5,2 pts. no ano, respondendo às altas de 11,6 pts. no SA e de 0,6 pts. no IE.

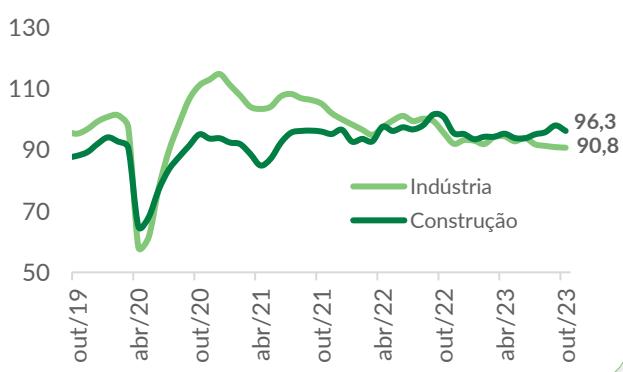
Parar o setor da construção, o índice de confiança saiu de 98,1 pontos em set/23 para 96,3 pts., na série com ajuste sazonal. Contudo, ainda acumula uma alta de 1,0 pt. no ano. O movimento do mês contou com as reduções de -1,8 pts. no SA e de -1,6 pts. no de IE. No acumulado do ano, SA registrou queda de -2,0 pts., enquanto o IE apresentou elevação de 3,9 pts.. O indicador da sondagem da indústria, também com ajuste sazonal, recuou -0,2 pts. na margem, alavancado pela queda de -1,6 pts no IE, uma vez que o SA subiu 1,2 pts.. Entretanto no acumulado do ano, observaram-se contrações de -2,9 pts. no SA e de -2,0 pts. no IE. Tanto na construção como na indústria, o aumento nas taxas futuras de juros e as dúvidas quanto à manutenção do ritmo de corte na taxa Selic impactaram os indicadores de sentimento, em especial no que tange ao IE.

Em linha, o Nível de Utilização da Capacidade Instalada (NUCI) caiu -0,1 p.p. no mês, tanto na construção quanto na indústria, porém, acumulando elevações no ano de 1,0 p.p. e 2,2 p.p., respectivamente, encerrando em 79,3% para a construção e em 82,7% para a indústria. Os resultados encontram-se acima da média móvel de 12 meses observadas no pré-pandemia (fev/20) de 69,0% e 75,3%, na ordem

Sondagem Consumidor Com ajuste sazonal



Sondagem Construção e Indústria Com ajuste sazonal



Utilização da Capacidade Instalada



Fonte: FGV. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023E	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	2,9	1,8
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	7,4	8,4
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	7,2	7,5
IPCA (% a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,6	3,9
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-3,6	4,0
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	9,25
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	74,0	62,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-38,0	-46,5
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	80,0	80,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	5,00	5,05
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-1,1	-0,8
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-7,3	-7,0
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	61,0	65,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	76,8	80,5



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte -
Cerqueira César São Paulo -SP



Tel: (55) 11 3288-1688